

Quadrinhos e Sexualidade: Um Diálogo Possível Dentro do Ambiente Escolar

Enviado em:

06/01/2013

Aprovado em:

27/08/2013

Mario Marcello Neto

Doutorando em História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
mariomarceloneto@yahoo.com.br

Anderson da Cruz Nunes

Mestrando em História
Universidade Federal de Pelotas
andersonnunespelotas@gmail.com

54

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a temática da homossexualidade em recentes publicações de História em Quadrinhos que abordaram o assunto, bem como a inserção dos mesmos, como ferramentas a ser utilizadas em sala de aula para a promoção do respeito à diversidade sexual na escola. Para isso foram selecionados como objetos de análise e ferramentas didáticas em potencial: o X-men da Marvel Comics.

Palavras-Chave

Sexualidade, História em Quadrinhos, Representação

Abstract

This article aims to analyze the issue of homosexuality in recent publications Comic that addressed the issue, as well as inserting them as tools to be used in the classroom to promote respect for sexual diversity in schools. For that were selected as objects of analysis and potential teaching tools: the Marvel's X-Men.

Keywords

Sexuality, Comics, Representation

História em Quadrinhos: Aspectos teóricos-metodológicos

Os inúmeros acontecimentos do século XX, como duas grandes guerras, holocausto, doutrinas totalitárias de esquerda e de direita, descolonização na África entre outros fatores acabaram suprimindo algumas outras questões no ambiente cultural do consumo da cultura de massa tão importante quanto o cinema e a propaganda para este século.

Prova disso é entender a relação de proximidade que se estabeleceu entre cinema e as HQ's. Muitos filmes do início do século XX foram inspirados ou baseados em quadrinhos. Além disso, até a década de 1940, anterior ao macarthismo, as HQ's foram à forma de entretenimento mais popular que se teve (VIANA, 2005). Inicialmente publicada em jornais e depois ganhando o seu "book", versões encadernadas de seus personagens e histórias. Sendo assim, é importante destacarmos o seu valor quanto disseminador do entretenimento, provocando diversas sensações em seus leitores, que até hoje possui uma grande importância para a sociedade, mas que ainda sofre certo preconceito com relação a pesquisas sobre esta mídia.

Recorremos a História Cultural para tentar compreender as semelhanças possíveis entre a cultura e as suas formas de representações. Essa relação existente entre o símbolo e a ação perante ele, ou seja, entre o fazer e o ver, Chartier (2010) chama de representação. Para ele, essa dicotomia só é possível através da subjetividade de cada um aliada as diferenciadas formas de compreensão e aceção dos símbolos e signos. Para Chartier representações "não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é efetivamente, o que dizem que é" (CHARTIER, 2010: 51).

Se as Representações não fazem parte de uma realidade externa, mas sim de um modo de perceber as coisas de uma forma a qual ela parece ser real; podemos dizer que o estudo sobre os super-heróis se encaixam perfeitamente nesse conceito, porém não importando o seu potencial de realidade e levando em conta, sim, a capacidade de discernimento e de imaginação deste universo ficcional. Com isso, faz-se necessário ressaltar que nosso trabalho tem com premissa básica a compreensão sobre o modo de ver o passado (representação) e jogos de valores presente nos quadrinhos. Além disso, é preciso entender que o imaginário construído socialmente em relação aos super-heróis e seu potencial na formação de opinião e nas relações socioculturais são extremamente pertinentes para este trabalho. Uma vez que ao discutir o contexto e suas representações do passado

estamos contribuindo para que se atente para aquilo que se vê; aguçando o leitor para uma leitura crítica dos quadrinhos e percebendo que ela é fruto de seu tempo, carregada de axiologia, política, etnocentrismo e outras questões culturais de mesma natureza. Sendo assim, Baczko diz que:

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser. (BACZKO, 1985: 309)

56

Obviamente que não estamos dizendo que o imaginário social sobre os super-heróis são os responsáveis pelos códigos de bom comportamento no mundo. O que estamos tentando dizer é que ele faz parte desse todo simbólico ao qual estamos envolvidos, estabelecendo, sim, códigos de condutas, lições de moral e impondo uma hierarquia típica dos super-heróis, mas que podem ser realocadas facilmente para o dito mundo real. Para que a existência dos Super-Heróis aconteça, a imaginação deverá acontecer. Essa forma de imaginar, a construção desse arcabouço imaginário, as produções de sentido e as variadas formas de representações da realidade são preocupações da História Cultural, e, portanto, nossa também.

Contudo, essas interpretações sobre a História não podem ser feitas sem relacionarmos a forma como percebemos a imagem em nossa sociedade. Um conceito ainda nublado no ambiente acadêmico, mas que traz consigo um significado muito importante sobre a relação entre a sociedade e o visual é chamado de *Cultura Visual*. Tem-se ciência das diversas visões sobre esta corrente teórica, porém para este trabalho adotamos as problematizações feitas por Mitchell (2002). Ao se considerar que “o campo de estudos da cultura visual pode ser definido como o estudo das construções culturais da experiência visual na vida cotidiana, assim como nas mídias, representações e artes visuais” (KNAUSS, 2006: 108) busca-se abranger uma perspectiva do estudo do visual que vai para além do estudo da arte (apenas), mas que se o visual se relaciona com a sociedade, a cultura como um todo. Complementando isso, Mitchell comenta que:

A dialectical concept of visual culture leaves itself open to these

questions rather than foreclosing them with the received wisdom of social construction and linguistic models. It expects that the very notion of vision as a cultural activity necessarily entails an investigation of its non-cultural dimensions, its pervasiveness as a sensory mechanism that operates in animal organisms all the way from the flea to the elephant. This version of visual culture understands itself as the opening of a dialogue with visual nature. [Grifo do autor] (MITCHELL, 2002: 171).¹

Se considerarmos este campo de estudos do visual pertencente e em constante relação com a cultura, pode-se dizer que os quadrinhos fazem parte deste universo visual que compõe parte da cultura, se tornando integrante deste campo de estudos. É importante salientar a provocação feita por Ulpiniano Menezes (2003) na qual problematiza o uso das fontes frente ao desafio da *Cultura Visual*. Uma vez que a visualidade e visual não estão presentes apenas nas imagens em si, mas também na forma como as sociedades os vêem e as suas relações culturais, dizer que apenas a imagem é a fonte do historiador seria um erro. O autor aponta que o caminho mais coerente a se seguir é utilizando uma gama tão plural de fontes quanto o campo da cultura visual, indo para além das imagens.

O seu meio de contato com o público, embora não seja nosso objeto de estudo, deve ser levado em conta quando se pretende analisar um objeto tão complexo. A cultura da mídia apresentada por Kellner (2001) tem em seu âmago um campo de disputa de poder, no qual os indivíduos são expectadores de um “bombardeio” político e ideológico e “vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia” (KELLNER, 2001: 10-11). É importante destacar que nossa análise será pautada pelo que Kellner (2001) denominou como crítica diagnóstica a qual “usa a história para ler os textos e os textos para ler a história. Essa óptica dualista possibilita compreender as múltiplas relações entre textos e contextos, entre cultura da mídia e história” (KELLNER, 2001: 153). Buscamos analisar nela, justamente, o seu contexto, as questões políticas e ideológicas que nela estão imbricadas.

A sexualidade em debate

¹ Um conceito dialético da cultura visual deixa-se aberto a estas perguntas, em vez de encerramento com a sabedoria recebida da construção social e modelos linguísticos. Espera-se que a própria noção de visão como uma atividade cultural implique necessariamente uma investigação de suas dimensões não-culturais, sua penetração como um mecanismo sensorial que opera em organismos animais de toda a maneira, a partir da pulga para o elefante. Esta versão da cultura visual entende-se como a abertura de um diálogo com a natureza visual (Tradução Nossa).

Os estudos sobre a sexualidade humana, visto pela ótica das ciências sociais, já mostraram que a diversidade sexual foi entendida de formas distintas, em diversos espaços e temporalidades. É sabido também, que a homossexualidade, enquanto prática existiu desde tempos remotos, o que mudou é nossa compreensão sobre elas.

Na contemporaneidade, no ocidente, as sexualidades não-hegemônicas desfrutam de um espaço maior que outrora. No entanto, isso não significa que homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais encontram sempre um ambiente favorável e totalmente aceito ou respeitado por todos. Discursos pró e contras as manifestações da sexualidade não tradicionais coexistem e se confrontam em nosso cotidiano. Por exemplo, se por um lado o pensamento cristão mantém uma posição contrária às práticas homossexuais, de outro, as mudanças sociais fizeram com que os discursos contra homofobia ganhassem uma força considerável na mídia nos últimos anos.

Em Janeiro deste ano, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, proferiu em seu discurso de posse do seu segundo mandato, o apoio e o compromisso do governo para com os homossexuais, ressaltando a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. Este episódio demonstra uma maior atenção (ainda que nos discursos) do Estado aos LGBTs. A presença das reivindicações homossexuais no discurso oficial de Obama pode ser vista como resultado de uma série de mudanças nas últimas décadas. Se for correto afirmar a importância que os movimentos sociais tiveram na segunda metade do século XX, também podemos frisar as características econômico-sociais do período pós-segunda guerra, que acabaram por contribuir para uma maior aceitabilidade ou tolerância de homossexuais e lésbicas.

O período conhecido como pós-moderno pode ser visto como uma explicação plausível para esse momento de maior visibilidade e conquistas políticas e sociais de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Nesse sentido, Pedro Paulo de Oliveira nos diz que:

O impulso mundial do capitalismo, logo após a segunda grande guerra, deveu-se, sobretudo, ao seu dinamismo tecnológico aliado a busca incessante de novos mercados. Avançando em todas as partes do globo, ele incorporou novos grupos étnicos e culturas que passaram a compor seu ampliado mercado de trabalho e consumo. Ao estender suas promessas e sonhos as novas clientelas não hesitaram em sacrificar e minar a racionalidade universalista

ocidental mantendo apenas o que lhe interessava: a onipotência do mercado. Nesse contexto uma variedade de culturas, dialetos, e diferentes modos de fazer as coisas constituiu uma miscelânea de perspectivas e possibilidades que, ao lado do dinamismo consumista exacerbado pelo mercado, compõe o pano de fundo de onde emerge a sociedade pós-moderna. (OLIVEIRA, 2004: 86)

Numa sociedade cada vez mais flexível, pólos hierarquizados passam a ser questionados e modificados. Nessa ótica, a dualidade homo/heterossexual passou a ser cada vez mais criticada, possibilitando assim, a emergência cada vez maior e mais organizada de grupos militantes em busca de direitos igualitários ao dos demais cidadãos. Dentro desse ambiente de mudanças cada vez mais rápidas, entende-se também, o conflito entre as conquistas LGBTs e os grupos conservadores que defendem a “ordem das coisas” até então estabelecida.

O fato de exemplificarmos a fala do presidente estadunidense Barack Obama, para demonstrarmos o quanto os discursos sobre a homossexualidade vem se modificando e conquistando espaços, onde nestes lugares num passado recente invisibilizavam as sexualidades não heterossexuais quando não a abominavam ou a perseguiam. Isso não significa que somente nos Estados Unidos aconteceram importantes mudanças. No Brasil, por exemplo, conquistas recentes revelam um quadro bem similar ao norte-americano.

As conquistas da união homoafetiva pelo Superior Tribunal Federal em 2011, os programas de combate à homofobia do governo federal² e uma maior representatividade, menos caricata de LGBTs nas mídias nacionais (Novelas, revistas, rádio), são indícios de uma sociedade que desponta um novo olhar sobre essas práticas ainda que, timidamente em alguns espaços e mais visível em outros. Acreditamos ser correto afirmar que mesmo com a permanência de casos de preconceito/violência, o Brasil hoje está mais aberto para essas questões, ainda que seja só o princípio, se lançamos ao horizonte a busca de uma sociedade mais justa de fato e de direito.

A escola como um ambiente diverso?

Falar sobre a escola, sobretudo a pública, é certamente perceber um espaço de disputas. Se tratando da diversidade sexual, grupos militantes cobram

2 Como por exemplo, a coletânea publicada pelo MEC: “A diversidade sexual na escola” entre outros.

mudanças acerca da heteronormatividade ainda presente no ambiente escolar e nos seus respectivos currículos, e não raramente, encontram resistências de outros setores dispostos a manter aquilo que consideram a “normalidade”.

Recentemente, em Junho de 2011, professores do Estado do Acre pensaram numa proposta de evento que visava à inclusão de ferramentas audiovisuais para trabalhar a diversidade sexual na escola, atendendo assim a proposta do MEC apresentada nos PCNs. No entanto, uma intervenção política local se opôs a exibição do curta “Eu não quero voltar sozinho” de Daniel Ribeiro, confundindo este com o “polêmico” programa “Escola sem homofobia”.³ O resultado disso foi o cancelamento do evento como um todo. Este exemplo vem a contribuir com o que havíamos observado, ou seja, a dificuldade ainda presente de se tratar o tema frente aos diversos olhos que vigiam a escola.

Bem verdade que a proposta desse artigo visa utilizar os HQ’s com o propósito de promover o debate acerca das diversas formas de expressão da sexualidade humana. A preocupação com esta temática é fruto do contexto social, político e cultural do nosso tempo. Não há como negar ser esse um desafio atual da escola e de todos profissionais a ela ligados. Em linhas gerais, a escola deve atender a diversidade de culturas, etnias, sexualidades, crenças, classe social, que a constitui.

Fernando Sefnner em seu artigo intitulado “Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar” (publicado pelo Ministério da Educação) sugere algumas ações efetivas de inclusão da diversidade sexual. Dos oito pontos mencionados pelo pesquisador, o primeiro vem a encontro da nossa proposta, bem como dos objetivos que traçamos ao usar os HQS como ferramenta didática para trabalharmos o respeito às diversidades. Para o autor:

O objetivo maior de todas as ações de inclusão é criar um ambiente de respeito e valorização da diferença, então, não se trata de abordar gays, lésbicas e travestis como “coitadinhos” que necessitam apenas de proteção, mas como sujeitos que trazem uma discussão importante para todos, inclusive os heterossexuais, sobre respeito a sexualidade e a diversidade sexual. Ou seja, as atitudes educativas planejadas devem considerar que os rapazes heterossexuais têm muito a aprender sobre sua heterossexualidade no convívio e por meio da discussão com os rapazes homossexuais, e vice-versa. (SEFNNER In: JUNQUEIRA, 2009: 135)

Frente a essa realidade, a escola se torna tanto um espaço propício,

3 Sobre isso ver: <http://www.revistaviag.com.br/second-pagina.php?id=1093> Acesso: 13/06/2013.

eficaz e fértil para promover o respeito às diferenças, quanto muitas vezes ela mesma pode produzir tais diferenças. Sobre a construção histórica das diferenças no ambiente escolar Guacira Lopes Louro nos diz que:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2010: 57)

Guacira não só nos fala da historicidade da instituição escolar ocidental, como também atesta a necessidade de transformações neste espaço. Transformações das mais diversas naturezas. Se o racismo ainda é um problema em nosso tempo, não será deixando de trabalhar a África e a cultura afro-brasileira nas aulas de história que as potenciais mudanças serão possíveis, pois promover uma compreensão de mundo do ponto de vista europeu e posteriormente americano conquistado e colonizados por eles, dão a impressão de uma superioridade de um povo sobre outro, justamente o oposto do que se pretende a fazer: trabalhar o respeito, a igualdade, a diversidade. Da mesma forma que relegar a homossexualidade ao silêncio nada ajuda contra a homofobia, ao contrário, demonstra a superioridade da orientação sexual hegemônica, pois está não precisa ser denominada, nem conhecida, pois é concebida como “natural”.

Sob esta ótica de mudança necessária no espaço escolar, para assim atender mudanças do corpo social como um todo, Roger Diniz Junqueira nos diz que:

Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia. São dificuldades que se tramam e se alimentam, radicadas em nossas realidades sociais, culturais, institucionais, históricas e em cada nível da experiência cotidiana. Elas, inclusive, se referem a incompreensões acerca da homofobia e de seus efeitos e produzem ulteriores obstáculos para a sua compreensão como problema merecedor da atenção das políticas públicas. (JUNQUEIRA, 2009: 13)

Quando nos deparamos com as produções artísticas, sejam elas filmes, músicas ou revistas, percebemos a forte predominância do(s) modelo(s) de vida heterossexual(ais). Ainda não se é comum ver uma história hollywoodiana entre dois príncipes ou entre duas princesas, ou ouvir na rádio um som que expresse o sentimento de uma pessoa a outra do mesmo sexo. O mesmo acontece nas histórias em quadrinhos, onde existe uma heteronormatividade preponderante, “desafiada” pela edição da revista aqui analisada.

Nessa perspectiva, a escolha de *X-men: O casamento do ano* para fomentar debates propostos na escola e na sociedade como um todo, se torna frutífera na medida em que a história relatada nos dá outras representações de gênero e sexualidade se comparado a outras edições da Marvel Comics. Se a sociedade ocidental passa por mudanças e novas demandas precisam ser supridas, logo novos discursos surgem a legitimar esse processo.

Nesse sentido, se pretendemos estimular o respeito às diferenças, tendo em vista a escola como um ambiente público, ou seja, de e para todos, precisamos questionar padrões tradicionais e preconceituosos, e apresentar outras formas de percebermos não só os outros, mas a nós mesmos. Sendo assim, utilizar a edição *X-Men Extra 136-1*, nos possibilita trazer novos olhares para antigas práticas.

É correto afirmar que história de Jean Paul e Kyle, traz novas perspectivas sobre a compreensão da sexualidade, para aqueles que acompanham HQ's. Pois, pela primeira vez na história do segmento escreve-se sobre um casamento gay. A ideia de casamento tradicionalmente pensado e concebido para a união de um homem com uma mulher, agora ganha visibilidade e legitimidade com outros agentes, tornando essa edição um campo fértil para análises e debates. Não pretendemos aqui tecer sobre todas as reflexões passíveis nessa história, e sim suscitar alguns pontos a qual consideramos importantes de ser abordados e discutidos. Para isso, selecionamos dois momentos na trama que julgamos relevantes para atender os objetivos que visamos nesse texto.

A homossexualidade como uma das expressões da sexualidade humana.

A relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo já foi vivida e percebida de diferentes maneiras no decorrer da história. Desde parte de um processo pedagógico na Grécia antiga, passando por pecado contra a natureza no período medieval ocidental, até chegar a gabinetes policiais ou consultórios médicos em séculos mais recentes. Como já observamos, parece que hoje estamos

mais propícios a entender as sexualidades não-hegemônicas como mais uma manifestação possível de nossos desejos.

No entanto, o estigma plurissecular que as sexualidades desviantes sofreram e sofrem até hoje, através da violência homofóbica, é que nos motivam ainda a produzir artigos como este, na intenção de erradicar, ou ao menos diminuir, os altos números de casos de homofobia nas nossas escolas e no nosso espaço social. Atendendo tal perspectiva, nossa ferramenta busca a retratar o casamento gay de uma forma tão “normal” ou “natural” quanto às uniões heterossexuais, mesmo que, possamos questionar um casal até então “desviante” dentro de um modelo de vida tradicional. Há quem critique, no seu direito, que a homossexualidade deve ser respeitada em suas “especificidades” quais sejam elas, e não fazer que os agentes “anormais” se tornem “normais” se padronizando ao estilo de vida hegemônica (monogamia, casamento e etc). Essa e outras questões poderão ser provocadas pelo educador(a), embora não seja nosso foco aqui, creditamos a importância de se refletir sobre.

Este primeiro ponto compete então a “naturalidade” que a relação homoafetiva é relatada. De imediato é perceptível o amor, o carinho que os cônjuges sentem entre si. A narrativa se propôs focar na afetividade, desconstruindo assim, estereótipos como, por exemplo, o modelo tradicional de gênero, onde muitas vezes um casal homossexual é representado como um sendo o “macho de verdade” e o outro a “fêmea”, um com atitudes e comportamentos esperado pelos padrões de masculinidade e o outro com gestos que se ligam com os padrões de feminilidades. Ainda podemos vislumbrar o foco dado ao sentimento nutrido mutuamente, e não preconceituosas representações no qual homens que se atraem por outros homens, buscam incansavelmente, o prazer sexual somente.

Notamos que a Marvel exhibe o cotidiano do casal, ou seja, os problemas característicos de quaisquer relações amorosas. O enredo se baseia num primeiro momento nas dúvidas de ser ou não este o momento para o casamento, não por falta de amor, mas principalmente pela reflexão se a relação de ambos se encontra madura para uma nova etapa, mais oficial, como o casamento se caracteriza.

Não é preciso aceitar a homossexualidade, mas respeitá-la.

Quando trabalhado a diversidade sexual como na proposta acima, certamente emergem opiniões conflitantes e é sobre esse campo tensionado que se concentra o nosso segundo ponto. A escola, palco de encontro de diferentes culturas, não é isenta as mudanças sociais, nem tampouco podemos esperar (nem

faria sentido) que ficasse inerte ao debate proposto. Ou seja, se haverá discentes que buscarão compreender o debate que esta sendo proposto, poderá também haver aqueles no qual, nem que seja num primeiro momento, não concordarão em ver a homossexualidade como legítima, podendo até, não concordarem com a intervenção da escola sobre a temática. O que fazemos nessa hora? Como propor o respeito às diferenças frente a possíveis hostilidades de alunos que herdaram valores conservadores? Como respeitarmos o que são contra essas ações inclusivas, sem que o foco perca sentido, ou a eficácia?

Primeiramente, é bom frisarmos que, a latente discussão sobre a diversidade sexual na sociedade ocidental é fruto de mudanças ocorridas nas esferas políticas, sociais, econômicas e culturais de países da América e da Europa. Talvez não por coincidência, o casamento gay foi legalizado em Nova York - sede da Marvel- em Junho de 2011. Um ano depois *X-men O casamento do ano* é lançado pela empresa.

Não sendo de nosso interesse aqui entender se a editora lança visando somente o mercado, ou se de alguma forma é “engajada na luta”, o mais importante é compreender que nesse caso, a *cultura da mídia* serve como uma parceira em potencial junto às novas demandas da sociedade. Lançando assim, discursos que levam a outras formas de entendimento sobre práticas vistas de maneiras cambiantes, em outros contextos, na qual a própria imprensa ajudava a manter. Na tentativa de tentar entender melhor esta discussão sobre as possibilidades de discussões sobre a temática da homossexualidade nos quadrinhos, Iuri Réblin (2012) faz uma análise ao estudar o *Código de Gibis* criado na metade do século XX e as impossibilidades legais que ele impunha a quem tentasse infringi-lo, no que se refere à *representação* de padrões de sexualidade não-hegemônicos.

Dito isto, o que fazemos diante a opiniões opostas aos objetivos propostos? Em casos assim, é preciso entender também o que pensam esses alunos, o porquê da oposição ao debate proposto, para depois refletirmos o quanto é possível não concordar com algo e mesmo assim respeitar a quem pensa diferente. Sendo essa característica uma provável diferença entre o trabalho que deve exercer os profissionais da educação em comparação com os métodos de ações afirmativa dos movimentos sociais.

É desconforto de muitos dos docentes, ao tratar de situações similares, principalmente quando estas vêm acompanhadas de opiniões baseadas em crenças religiosas. A respeito disso, é necessário pensarmos que nem se pode obrigar ninguém a mudar suas convicções religiosas, ao mesmo tempo em que a escola

não pode tolerar atitudes homofóbicas. No entanto sobre o compromisso da escola frente à religião, Fernando Sefnner diz que:

A adequada discussão dessas questões deve ser feita sempre levando em conta que a escola é um espaço público, e necessariamente laico. Desta forma, aquilo que as religiões pensam e dizem acerca da sexualidade humana não deve virar regra dentro da escola. As regras da escola são as regras do espaço público, regras democráticas de convívio, valorização e respeito da diferença. Escola não é igreja e professor não é sacerdote ou pastor. Quem quiser participar de um espaço onde homossexuais não entrem pode criar o seu espaço pra isto, mas a escola não é local onde isso possa ser feito; ela é um espaço público, como o são ruas, praças, hospitais públicos, postos de saúde, assembleias legislativa, apenas com regras diferentes de acesso e convivência, e propósitos e objetivos claramente diferente de outros espaços públicos. (SEFNNER In: JUNQUEIRA, 2009: 135)

Então, a existência de inúmeras concepções acerca da sexualidade são presentes dentro e fora da escola, e são elas que nos dizem “o que está em jogo”, que relações de poder estão em disputas. Nesse caso, a permanência, ou não, da heterossexualidade como o modelo moral, legítimo, natural e saudável a ser seguido.

65

É bem certo que não se pode exigir do universo X-men um compromisso com a “realidade”, mas de certa forma, alinhado com o processo fora quadrinhos, uma conversa entre dois homens durante o casamento de Jean Paul e Kyle, ajuda a abordarmos este segundo ponto, ou seja, a divergência de opiniões. Na página 82, dois amigos do casal estão em uma mesa a tomar cerveja. Um deles diz “Eu sou um cara pra frente, mas acho que é muita coisa para minha cabeça”, o outro responde “Não sei. Estou feliz pelo Estrela e pelo Kyle, mas não paro de pensar no que minha vó diria”. Este seria o momento de maior desaprovação na trama. Claramente pode-se observar um descompasso entre a cena que presenciam e o que haviam aprendido como correto.



Figura 1 - Destruitor e Pígemeu conversando sobre as suas impressões em relação ao casamento de Kyle e Estrela Polar.

Fonte: X-MEN EXTRA: O Casamento do Ano. São Paulo: Panini Comics/Marvel Comics, n.136-1, Abril de 2013. p. 82.

A discussão aqui pertinente reside em demonstrar que é entendível a estranheza de muitos sujeitos frente a situações de práticas afetivo-sexuais que foram invisibilidades por séculos. Do mesmo modo que respeitar a opinião e o tempo de cada pessoa não deve confundir-se com o direito de agredir verbal ou fisicamente alguém de orientação sexual diferente da sua. Por fim, a escola deve conter radicalismos de ambas as partes. Se de um lado, tolerar comportamentos homofóbicos é inaceitável; de outro, permitir que pessoas sejam acusadas/taxadas de homofóbicas, sem um entendimento adequado sobre, pode não ser favorável ao que ao objetivo que escola pretende alcançar.

Referências Bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. A Imaginação Social. In: LEACH, Edmund et all. *Anthropos-Homem*. Enciclopédia Einaudi Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

66 CHARTIER, Roger. *A História Ou a Leitura do Tempo*. São Paulo: Autêntica, 2010.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO. Disponível em: <http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/repositorio/39/diversidade_sexual_na_educacao_e_homofobia_nas_escolas.pdf> Acesso em: 15/11/2012

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, Vol. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, Vol. 23, nº 45, 2003.

MITCHELL, W.J.T. Showing seeing: a critique of visual culture. *Journal of Visual Culture*, Chicago, Vol. 1(2), p.165-181, 2002. Disponível em: < <http://www9.georgetown.edu/faculty/irvinem/theory/mitchell-showingseeing.pdf>>

Acesso em: 15/05/2013.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

RAMA Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). *Como Usar as Histórias Em Quadrinhos na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

REBLIN, Iuri Andéas. Relacionamentos Homoafetivos Nos Quadrinhos e Seu Lugar Na Discussão Acerca do Princípio da Igualdade de Direitos In: Congresso Internacional de Ciências Sociais, 3, Pelotas. *Anais Digitais*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

VIANA, Nildo. *Heróis e Super-Heróis No Mundo Dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

WALKER, John; CHAPLIN, Sarah. *Visual culture: an introduction*. Manchester: Manchester University Press, 1997.

X-MEN EXTRA: *O Casamento do Ano*. São Paulo: Panini Comics/Marvel Comics, n.136-1, Abril de 2013.